

03a0138-48

1. Reinaldo Maura
2. Recorte
3. Correio do Povo
4. crônica sobre o despertar de uma manhã
5. Porto Alegre
6. 21 de outubro de 1948
7. nº 18
8. seção - Arte e literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 22 de março de 1994

RECORTE

(Especial para o "Correio do Povo")

Em certas madrugadas

de estio contemplava os cimos
dos arranha-céus dourados em-
baixo a cidade ainda numa
cinza de ligeira bruma. Às
vezes, ao despertar pela manhã,
ficava ouvindo na cama o
rumor da cidade em torno,
precisamente mais para um
lado de sua atenção, a janela
com as linhas paralelas das
venesianas já iluminadas
por uma frecha de sol hori-
zontal, recente. Tora um ou-
tro mundo que o rodeava,
mais nitido que aquele ape-
nas entrevisto, em sua uni-
dade depois de numerosas vi-
tes no fundo das quais mal
percebia a existência de uma
estranha cidade, vidas, figu-
ras fugitivas, permanente ati-
vida de um sonho que se en-
contrava sempre no fundo de
todos os sonhos. Da cama ou-
via a cidade despertando.
Tora como um ruído distan-
te de motores, às vezes dis-
tinguiu um motor isolado
na enseada, outro no ar que
bem alto, bem alto deveria
estar aceso numa só campa

emula de fulgor. Era como uma
aclamação imensa, um cla-
mor de ulemis. A vida renas-
cendo. Tentava imaginar um
ser contemplando o mundo
de outro plano, fora dos fil-
tros do tempo, e sentindo
as noites e os dias numa su-
cessão de vertigem como um
bater de pálpebras numa
esfera apagada e negra, in-
flamada e cor de rosa.

Em torno de sua aten-
ção que se imobilizava no q-
lor particular do leito, a casa
silenciosa, a hora começando
mas ainda na sua consciên-
cia radiava sempre o momen-
to de voltar a cabeça e olhar
o relógio cuja operação mi-
nuciosa de dicotomia seus
ouvidos, há muito estavam
captando, em torno dele o
invisível e presente mas
ressoava e era a cidade
na manhã nitida, uma
sensação sonora da cidade
distribuída em semi-círculo
em torno da sua frequência.
Um mar envolvente que
ressoava, ressoava. De vez

em quando, mais próximos, quito isolados; businas; e longe apitos de locomotivas; mais longe, verticalmente, na luz timpânica, como se varasse a nitida vibração de uma placa de cristal, o besouro rotativo de um motor.

Captava os rumores urbanos, indiscerníveis, às vezes mais exatos e claros, quase sempre perdidos como elementos de grandes ondas distantes num caos fugitivo, longe, longe. Sentia entã a existência monstruosa das multidões em ser inumerável na coesão de um momento. Imaginava pupilas anônimas, distraídas em janelinhas de apartamentos altos, observando a ondulação das multidões eternas. O fluir e refluxo da maré conforma as horas, um momento urbano na luz de um minuto que para, cintila, um instante, se afunila e escorre pelo tempo. tinha a sensação do tempo mais vasto e mais denso dos dias acumulados

no passado recente. Era quase
uma visão ao longo desse
fluir cotidiano dos dias,
das semanas, depois sucede
um ligeiro balanço colido
cópias e ele passava a sentir
as imagens dos anos mortos
e imobilizados em seus mil
gestos (dele, das multidões das
cidades, de gerações inteiras)
seus mil gestos agora secos e
perdidos nessa distância de
oceanos, gestos, atitudes, mãos
erogidas, figuras mortas na
cinza que uma ligeira pan-
cada faria se desmanchar
subitamente e então nada
mais restaria, nada mais
desse saudades de um mi-
nuto extinto fare sempre.

A imaginação de Um-
berto entrava em ebulição.
Solquiava às vezes uma clari-
vidência dolorosa e punha-se
a ver em cada interior parti-
cular os pequenos e indizi-
veis dramas de cada um. O
cancer daquela senhora ali
adiante... coisas que ele
conhece por ouvir dizer. Co-
mentários. Notícias. Impres-

sões. Aquelle paralitico naquelle predio escuro, sempre fechado ali passando aquelle jardim. A vida clandestina de certas mulheres conhecidas no bairro. O automovel daquele medico sempre saindo a mesma hora. Seu espirito visitava as casas em torno surpreen- dido, como ardores submersos re- pousados sobre o limbo do fun- do. Ainda o murmurio de um sonho quase em voz alta. Ain- da certas penumbras. O já ia alta a manhã.

Saltava do leito, ra- pido, repentino. Ia para o ba- nheiro.

Ainda a sonolencia en- tre os esmaltes finos. O aroma de sabonete, e o uso do ro- to, e fazer barba. A outra face no espelho. Já não era o mesmo de poucos anos atrás. A fatigada palidez do rosto que os olhos e os ca- belos escuros mais acentua- vam.

A agua jogando frio sobre a pele extinta do corpo.